



Revista
Educar Mais

Reflexões sobre o planejamento de aulas nos Estágios Supervisionados em Música

Reflexions on the planning of classes in Supervised Internships in Music

Reflexiones sobre la planificación de clases en las Prácticas Musicales Supervisadas

Andréa Matias Queiroz¹ 

RESUMO

O presente texto trata do relato reflexivo acerca de uma experiência de orientação em uma turma de Estágio Supervisionado em Música, no Curso de Licenciatura em Música, ofertado pela Universidade de Brasília – UnB, tendo como foco o planejamento das aulas de estágio. A finalidade é mostrar os desafios encontrados pelos estagiários ao se depararem com a necessidade de planejar as aulas. O artigo também discute as percepções dos estagiários acerca do plano de ensino e do plano de aula e como isso pode influenciar nos resultados da atuação prática e da formação docente. Os relatos apresentados tiveram como base as discussões e reflexões realizadas durante as orientações do estágio. O texto finaliza discutindo como as concepções que os estagiários têm acerca do planejamento influenciam na forma como a atuação prática acontece e, conseqüentemente, na formação docente.

Palavras-chave: Estágio supervisionado; Formação de professores; Planejamento de aulas de música.

ABSTRACT

This text discusses a mentoring experience in a supervised teaching internship class, focusing on the planning of internship classes. The aim is to show the challenges faced by interns when they have to plan classes. The article also discusses the trainees' perceptions of teaching and lesson planning and how this may influence the outcomes of practical work and teacher education. The reports presented are based on discussions and reflections held during practicum orientation. The text concludes by discussing how student trainees' conceptions of planning influence the way practical work and, consequently, teacher education is developed.

Keywords: Supervised internship; Teacher training; Music lesson planning.

RESUMEN

Este texto aborda una experiencia de tutoría en una clase de prácticas docentes supervisadas, centrándose en la planificación de las clases de prácticas. El objetivo es mostrar los retos a los que se enfrentan los alumnos en prácticas cuando tienen que planificar las clases. El artículo también analiza las percepciones de los estudiantes en prácticas sobre la planificación de la enseñanza y de las clases y cómo esto puede influir en los resultados del trabajo práctico y de la formación del profesorado. Los informes presentados se basan en los debates y reflexiones mantenidos durante la orientación de las prácticas. El texto concluye discutiendo cómo las concepciones de los estudiantes en prácticas sobre la planificación influyen en la forma en que se desarrolla el trabajo práctico y, en consecuencia, la formación del profesorado.

Palabras clave: Educação de Joven e Adultos; Metodologías.

¹ Licenciada em Música, Mestra em Educação Musical, Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Música (PPGMUS) e Professora substituta da Universidade de Brasília (UnB), Brasília/DF – Brasil. E-mail: andrea.musica.unb@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado é um momento crucial na formação docente dos licenciandos em música, pois, a partir desse momento os futuros professores passam a ter contato com a realidade educacional, iniciam a experiência docente tendo como base a realidade da sala de aula e passam a perceber e relacionar a teoria e a prática a partir de outra perspectiva, visto que a experiência os leva a (re)pensar muitas concepções construídas até então.

Tendo em vista que a experiência citada acima trata-se de um divisor de águas na formação docente, proponho aqui fazer uma reflexão acerca desse tema, a partir da minha experiência como professora orientadora da disciplina de Estágio Supervisionado em Música. Além disso, trago também as concepções dos estagiários sobre os diferentes tipos de planejamento e sua(s) aplicabilidade(s) na atuação prática de cada um. Para isso, foram consideradas as discussões realizadas durante as orientações, bem como os relatórios de observação/atuação produzidos pelos alunos ao longo da disciplina.

Assim, esse artigo tem como objetivo analisar as percepções acerca da ação e aplicação do planejamento, presentes nos relatórios elaborados por quatro estagiários ao longo da disciplina ofertada no período de 2018/02, com um total de 12 alunos matriculados e distribuídos em diferentes escolas de Educação Básica da rede pública de Brasília – DF. Os relatos dos quatro alunos considerados aqui vieram de experiências realizadas na mesma escola, denominada aqui apenas de Escola Parque, para manter a identidade da escola preservada.

Embora seja um tema amplamente discutido na área da educação e da música, ao iniciar o estágio a ação de planejar gera diferentes impactos e reflexões nos futuros professores. Essas reflexões vão desde a estrutura do planejamento e seus desdobramentos, até os impactos conceituais refletidos na prática.

O conhecimento sobre o planejamento é fundamental para que o professor possa, usando dos seus muitos métodos, nortear a sua prática pedagógica, tendo em vista as especificidades de cada contexto, de cada turma e de cada aluno.

Todavia, ao se pensar no planejamento surgem certas dificuldades, uma vez que o mesmo deve originar-se de objetos concretos e que venham focar, exclusivamente, o público-alvo. Para isso, faz-se necessário levar em consideração que o planejamento é um norteamto teórico-prático imprescindível à tarefa pedagógica cotidiana, onde há um sinalizador do ensino-aprendizagem significativo dia após dia.

2. ABORDAGEM METODOLÓGICA E CONTEXTUALIZAÇÃO DO CENÁRIO

A base metodológica desse artigo tem cunho qualitativo, pois busca compreender aspectos subjetivos e interpretativos de um contexto de estágio docente em música, a partir de um relato de experiência de orientação que apresenta como base para análise relatórios produzidos pelos alunos no decorrer da disciplina de Estágio Supervisionado em Música, do Curso de Licenciatura em Música da Universidade da Universidade de Brasília – UnB.

A opção justifica-se por tratar de um de contexto subjetivo e partir de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos. Isto é, dela faz parte a obtenção de dados descritivos

mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Stake (2011) ainda explica que, nas pesquisas qualitativas, o pesquisador procura entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos sujeitos da situação estudada e, a partir, daí situa sua interpretação dos fenômenos estudados.

As reflexões dos alunos, citadas neste artigo, foram coletadas a partir dos relatórios escritos ao longo da disciplina. Esses relatos foram solicitados aos alunos como parte das atividades da disciplina e tinham como objetivo o acompanhamento e discussão das observações e práticas realizadas. Os relatórios foram escritos semanalmente e postados na plataforma online da universidade.

Para a escrita deste artigo, todos os alunos foram consultados e autorizaram, via Termo de Anuência, a publicação de excertos dos seus relatórios de estágio escritos ao longo do semestre.

Para isso, foi realizada uma análise de conteúdos, que conforme Bardin (2006), é caracterizada por um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a discursos extremamente diversificados, tem como referência principal um conjunto de técnicas de análises da comunicação que pode utilizar procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos apresentados pelas mensagens analisadas.

Quando bem estruturada, a análise de conteúdo é uma importante ferramenta para os trabalhos que utilizam metodologia qualitativa. Segundo Alves, Filho e Henrique (2015), a aplicação da técnica tem permeado diversas áreas do conhecimento científico: Administração, Sociologia, Ciência Política, Biblioteconomia, Psicologia, Comunicação, Educação, entre outros.

Bauer e Gaskell (2008) indicam que os materiais textuais escritos são os mais tradicionais na análise de conteúdo, podendo ser manipulados pelo pesquisador na busca por respostas às questões de pesquisa. De modo semelhante, Flick (2009, p. 291) afirma que a análise de conteúdo "é um dos procedimentos clássicos para analisar o material textual, não importando qual a origem desse material".

3. SOBRE A DISCIPLINA DE ESTÁGIO

O Estágio Supervisionado em Música possui 6 créditos, ou seja, 120 horas de aula, divididos em 60 horas de observação/atuação na escola e 60 horas de orientações, leituras e discussões. Além disso, a disciplina também prevê a elaboração de um projeto pedagógico-musical contendo oito aulas para ser executado no semestre subsequente. A elaboração do projeto deve ter como base a realidade observada e conhecida pelos alunos na atual disciplina.

Os relatos analisados neste artigo referem-se ao primeiro contato que a maioria dos alunos têm com a realidade da sala de aula. Tendo em vista que é a primeira de uma sequência quatro disciplinas de estágio, trata-se de um momento de mudança e descoberta, tanto da realidade escolar, quanto da autopercepção como futuros professores de música.

4. PLANO DE ENSINO E PLANO DE AULA: DEFINIÇÕES E DIFERENÇAS IMPORTANTES

Para a realização de uma prática docente eficaz e significativa para a aprendizagem do aluno, além da constante reflexão da própria prática, é fundamental que o professor adote alguns hábitos e mecanismos indispensáveis para a concretização da aprendizagem, um destes hábitos, que se pode

considerar imprescindível, é o planejamento de ensino, bem como o planejamento das aulas a serem ministradas. Segundo Menegolla e Sant'Anna (2001, p. 40),

É um instrumento direcional de todo o processo educacional, pois estabelece e determina as grandes urgências, indica as prioridades básicas, ordena e determina todos os recursos e meios necessários para a consecução de grandes finalidades, metas e objetivos da educação (MENEGOLLA; SANT'ANNA, 2001, p. 40).

A necessidade e importância da ação de planejar é uma premissa amplamente discutida em pesquisas da área da educação. Para Padilha (2001, p. 30),

O ato de planejar é sempre processo de reflexão, de tomada de decisão sobre a ação; processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego de meios (materiais) e recursos (humanos) disponíveis, visando à concretização de objetivos, em prazos determinados e etapas definidas, a partir dos resultados das avaliações (PADILHA, 2001, p. 30).

Esse processo reflexivo citado acima pode dividir-se em diferentes tipos que abordam perspectivas e momentos da ação docente, como o plano de ensino, plano de curso, plano curricular, plano de aula, entre outros.

Tendo em vista que o artigo trata, especificamente, de dois tipos de planejamentos, me atenho a trazer a definição apenas do que concerne a discussão: o plano de ensino e o plano de aula. Na concepção de Libâneo (1944, p. 222), o plano de ensino tem caráter mais amplo e foca na previsão da ação a longo prazo.

É a previsão dos objetivos e tarefas do trabalho docente para um ano ou um semestre; é um documento mais elaborado, no qual aparecem objetivos específicos, conteúdos e desenvolvimento metodológico" (LIBÂNEO, 1994, p. 222).

Nessa perspectiva, o plano de ensino serve como um guia que possibilita que o professor elabore suas aulas dentro de uma estrutura de pensamento preestabelecida e que possui pontos de partida e chegada, tendo como meio termo os caminhos a serem percorridos, ou seja, os planos de aula.

O plano de aula é um instrumento que sistematiza todos os conhecimentos, atividades e procedimentos que se pretende realizar numa determinada aula, tendo em vista o que se espera alcançar como objetivos junto aos alunos. O plano de aula trata de um detalhamento do plano de curso/ensino, devido à sistematização que faz das unidades deste plano, criando uma situação didática concreta de aula. Gil (2012, p. 39) explica que "o que difere o plano de ensino do plano de aula é a especificidade com conteúdos pormenorizados e objetivos mais operacionais".

Tendo em vista, os tipos de planejamentos citados e sua importância como um dos fatores de eficiência do processo de ensino/aprendizagem, discuto no item a seguir os entendimentos dos estagiários acerca do planejamento e de como isso influencia em suas práticas.

5. REFLEXÕES E PERCEPÇÕES DOS LICENCIANDOS EM MÚSICA ACERCA DO PLANEJAMENTO E SUAS ARTICULAÇÕES COM A FORMAÇÃO DOCENTE

As percepções dos estagiários sobre os planejamentos são importantes na medida em que demonstram o quanto a compreensão teórica sobre a ação de planejar se articula com a atuação prática. A percepção dessa articulação também faz emergir reflexões sobre como a experiência do estágio impacta na formação dos licenciando em música.

Ao iniciar o estágio, o licenciando em música muitas vezes encontra uma das primeiras dificuldades no diálogo com o planejamento proposto pela escola para a disciplina de música. Conforme Romanelli (2009), muitas vezes o plano pedagógico está bem estruturado, mas a prática do professor não condiz com o planejado. O autor argumenta que isso pode ocorrer porque o professor que redigiu o planejamento de ensino não é o mesmo que ministra as aulas.

Na Escola Parque, espaço de atuação dos estagiários citados, não havia um professor específico para a disciplina de música, assim os próprios estagiários elaboram suas aulas a partir das orientações e reflexões recebidas na disciplina de estágio e de conversas com as professoras regentes das turmas. Esse pode ser um aspecto positivo, pois o estagiário possui uma maior liberdade de planejar as aulas. Por outro lado, a falta de um plano de ensino ou proposta pedagógica por parte da escola pode ser um fator negativo, pois com isso, as aulas de música passam a ser uma espécie de módulo isolado, sem continuação do projeto musical após a finalização da atuação dos estagiários.

Nesse sentido, Romanelli (2009) explica que isso pode levar o estagiário a não vivenciar a experiência de incluir seu planejamento em uma sequência didática pré-existente na escola. O autor aponta a interdisciplinaridade como uma possível solução para que as aulas de música não se tornem descontextualizadas da proposta escolar.

A experiência vivenciada na orientação da disciplina de estágio revelou que a ação de planejar as aulas de estágio, além de ser uma tarefa árdua, não deve estar desvinculada da realidade dos alunos. Sobre essa questão, um ponto importante ressaltado pelos estagiários diz respeito a necessidade de haver uma avaliação diagnóstica das turmas que irão atuar para só então pensar nas possibilidades para o planejamento.

De início, nós pensamos em várias coisas para usar no estágio, atividades lúdicas, movimento, dança, percussão corporal, etc., mas quando começamos a conhecer a escola, a forma que trabalhavam percebemos que não dava para adivinhar, era preciso fazer um diagnóstico e pensar a partir daí. (Relatório de estágio – Licenciando A)

Conhecer os alunos e contextualizar as aulas com a realidade dos mesmos é um tema amplamente discutido por alguns autores da área de educação. Libâneo (1994), explicando sobre os tipos de avaliação, considera que a função de diagnóstico possibilita a oportunidade de observação dos progressos e dificuldades que os alunos terão em relação ao ensino/aprendizagem e também do professor, que por sua vez, poderá modificar sua prática pedagógica para atender melhor a situação de ensino em que o seu aluno se encontra.

Fomos na escola e tentamos conhecer o máximo possível o ambiente e os alunos, o que eles gostam de ouvir, de cantar... para poder pensar melhor no que fazer nas aulas de música que vamos dar (Relatório de estágio – Licenciando B)

Romanelli (2009) também trata da necessidade de se conhecer o ambiente e os alunos com os quais irá lidar, na tentativa de propor um plano de ensino e um plano de aula condizentes com a realidade do ambiente escolar.

Quanto a estruturação, esclarece que os objetivos de um planejamento devem anteceder sempre os conteúdos, pois eles permitem a possibilidade de se antecipar os resultados. O autor destaca ainda a necessidade de um plano de aula que contemple todos os elementos formais: "objetivos, conteúdo, procedimentos metodológicos, recursos didáticos, avaliação e referencial teórico" (p. 130), afirmando que "é apenas por meio de um planejamento bem estruturado que se promove educação musical de qualidade" (p. 136).

Embora tenham sido trabalhados textos que ressaltem a importância do planejamento a médio/longo prazo, os estagiários, inicialmente, parecem não ter se apropriado da ideia de vislumbrar um ponto de chegada a partir do conjunto das aulas. Muitas aulas foram planejadas isoladamente e, diversas vezes, sem conexão entre elas, gerando aulas e atividades independentes e sem uma ideia de finalização.

Eu e minha dupla estamos sempre buscando atividades em diversos sites e livros e adaptando a realidade dos alunos, mas às vezes tenho a sensação de que aulas se dispersam um pouco e que estão sem continuidade. (Relatório de estágio – Licenciando B)

Em outro relato também foi possível perceber o mesmo tipo de ação, onde as aulas são realizadas visando apenas atividades isoladas, partindo de conteúdos ou ações avulsas, e não de objetivos, como propõe Romanelli (2009) no trecho citado anteriormente. Esse aspecto fica claro na fala de um dos estagiários quando relata sobre como eram feitos os planejamentos.

Nos reunimos semanalmente antes das aulas para pensar que atividades podemos fazer. Analisamos o que deu certo na semana anterior e tentamos reforçar. Já o que não deu certo, buscamos melhorar e entender. (Relatório de estágio – Licenciando D)

Na fala do estagiário pode-se perceber que existe a presença da reflexão em relação as aulas e seus resultados, assunto debatido nas orientações, entretanto, ainda há a desconexão entre as aulas. Não quero com isso dizer que essas atividades não foram ricas e significativas para os estagiários e alunos, mas esse modelo de pensamento e planejamento gera uma série de questionamento que vão desde a função do planejamento macro até a ideia de que tipo de ensino de música, nós como educadores musicais, desejamos inserir na educação básica.

Nesse sentido, corroboro a concepção de Romanelli (2009) quando diz que a existência de um planejamento de ensino, elaborado consistentemente, leva a reflexão da necessidade de cada atividade realizada em sala de aula. Assim, torna-se clara a importância de refletir sobre os objetivos das atividades realizadas. Para além da prática em si ou do preenchimento de tempo ocioso durante a aula, o planejamento deve contemplar atividades providas de objetivos claros e que possuam coerência com o planejamento de ensino.

Sobre o plano de ensino, os estagiários, parecem não considerar a importância da coerência entre as aulas a longo/médio prazo. A existência de um planejamento macro poderia ser um fator de apoio e norteamento para a elaboração e compreensão dos resultados das atividades.

Quando começamos a pensar nas aulas e nos seus respectivos planejamentos nos deparamos com a ideia discutida nas aulas de que se deve ter em mente onde queremos que o aluno chegue, o que queremos que ele aprenda no fim dessas horas de estágio. Confesso que, isso foi um entrave no começo, pois parecia que podíamos substituir isso por aulas que tivessem o mesmo tema e estaria resolvida a questão da "coerência", mas não demorou muito para gente analisar e sentir a necessidade de pensar o todo. Chegou um momento que foi impossível não sentar e falar: "precisamos organizar tudo, organizar o que queremos ensinar", então nos reunimos e pensamos em todo o passo a passo da estrutura e fizemos o planejamento geral para daí fazer os planos de aula. (Relatório de estágio – Licenciando C)

O relato acima mostra que, a partir da autorreflexão, os próprios estagiários sentiram a necessidade de rever a forma como planejavam as aulas. De acordo com Sant'ana, (1986) o planejamento é dividido em três etapas: A primeira é a preparação ou estruturação do plano de trabalho docente. Esta etapa é onde o professor prevê como será desenvolvido o seu trabalho durante certo período (plano de ensino). O professor relaciona os conteúdos que serão trabalhados e como serão trabalhados, ou seja, busca uma metodologia adequada, recursos didáticos e tecnológicos que

contribuam para melhor desenvolvimento dos conteúdos. Na sequência são determinados os objetivos a serem alcançados, viabilizando estratégias para que no decorrer do trabalho os objetivos sejam atingidos (plano de aula). Por fim, a terceira etapa é a do aperfeiçoamento, que envolve a verificação da ação para perceber até que ponto os objetivos traçados foram alcançados.

Quanto a terceira etapa, explicada por Sant'ana (1986), que trata da verificação da ação, ou seja, da autoavaliação por parte do futuro professor, os estagiários escreveram o seguinte em seus relatórios:

Confesso que muitas vezes não foi possível sentar com meu colega e sistematizar as ideias da forma como queríamos, então, agora no final, eu olho para traz e vejo como teria sido mais satisfatório parar e fazer tudo com mais calma. A autoavaliação que faço do meu estágio é que foi possível experimentar a realidade e nem sempre tudo dava certo, então a gente foi sentindo na pele a necessidade de planejar cada vez mais possibilidades, até para quando as coisas não dessem certo. (Relatório de estágio – Licenciando A)

No início não acreditava que fizesse tanta diferença que os planos de aula deveriam fazer parte de um plano de ensino, de algo maior, mas depois foi fácil perceber que estava tudo interligado e, inclusive, essa autoavaliação em relação ao planejamento só foi possível por ter aprendido a estruturar isso. No começo, as atividades estavam soltas, não sabia identificar se os alunos estavam de fato aprendendo algo a longo prazo. Isso foi o mais marcante para mim. (Relatório de estágio – Licenciando C)

A partir dos relatórios foi possível perceber que, embora no início os licenciandos subestimassem a necessidade do planejamento (macro ou plano de ensino), ao longo do processo a ação de planejar se fortaleceu e não apenas norteou a realização da atuação prática, mas também serviu como mediação de outras reflexões. Um exemplo disso foi a constatação de como é importante pensar a longo prazo e traçar objetivos de aprendizagem que tenham duração para além de uma única aula. Essa reflexão trouxe também a possibilidade de enxergar e analisar um resultado final dessa primeira etapa do estágio docente, verificando a eficácia dos planejamentos e atividades e, conseqüentemente, proporcionando a reflexão das mesmas.

Vale a pena ressaltar que, embora destaque-se a importância de planejar, essa ação é apenas uma das partes que integram a prática docente. Prever as ações, ou seja, planejar, requer o conhecimento e a articulação com a realidade, bem como uma ampla pesquisa e organização que direcione o que irá ser trabalhado. Essa concepção é reforçada por Romanelli (2009) quando explica que o planejamento não tem uma finalidade em si mesmo e só se justifica para orientar a prática docente, pois a aula real é seu aspecto mais importante.

Além desses aspectos, é importante que o planejamento seja aberto às novas possibilidades que podem surgir no decorrer das aulas. Nesse sentido, as reflexões resultaram na percepção de que, dentre outras coisas, o professor precisa estar atento às especificidades dos alunos, ao andamento da sala de aula e às reações e interações dos alunos, conforme relatou o licenciando D. "No dia a dia das aulas a gente percebe que o professor precisa ser "aberto" e entender o momento do aluno, da turma... Nem sempre tudo ocorre como a gente pensa" (Relatório de estágio – Licenciando B)

Reconhecer ocasiões, identificar posturas, (re)pensar atitudes e (re)criar situações são alguns aspectos importantes para que o professor possa adequar algum aspecto necessário do seu planejamento, caso seja necessário. Embora isso tenha acontecido algumas vezes, o que demonstra essa destreza por parte dos estagiários, o contrário também foi observado, conforme o trecho seguinte:

[...] nessa parte a aula não funcionou bem. Estávamos tentando fazer uma atividade de improvisação desde a aula passada, mas as crianças pareciam meio desinteressadas e não fizeram muito. Passamos mais de 20 minutos nessa atividade, estava ficando tumultuado e acabou ficando disperso para a próxima atividade. (Relatório de estágio – Licenciando D)

O trecho acima é apenas um demonstrativo de diversas situações semelhantes que foram relatadas durante as orientações, o que evidencia que, muitas vezes os estagiários se prendem ao planejamento de tal forma que chega a prejudicar a prática. Está claro que esse tipo de situação pode ocorrer pela falta de experiência, mas também é um ponto a ser suscitado, levando ao questionamento de: até que ponto a formalidade do planejamento deve/pode ser seguida em detrimento do funcionamento da prática?

Mesmo que não haja uma resposta pronta ou uma medida certa que nos ensine a orientar, planejar e aprender, sabemos que a reflexão é um dos caminhos trilhados para nos levar a uma ação docente mais consciente e significativa para os alunos. Ressalto ainda que, embora essa reflexão seja parte de uma ação localizada, pode incidir em outros contextos e também servir para que outros licenciandos e professores venham (re)pensar suas ações, visto que é tarefa do inerente professor, refletir constantemente sobre sua prática pedagógica.

6. REFLEXÕES FINAIS

Este artigo buscou analisar a experiência de orientação em uma turma de Estágio Supervisionado em Música, tendo como foco o planejamento das aulas de estágio. Teve como finalidade mostrar os desafios encontrados pelos estagiários no decorrer da prática, bem como analisar as suas percepções acerca do planejamento/atuação.

A partir das experiências e percepções descritas pelos estagiários foi possível perceber que os alunos consideram de fundamental importância planejar todas as aulas. Essa concepção foi unânime, mas apesar deste ser um ponto comum, foi possível perceber que existiram algumas diferenças sobre os modos de planejar de cada um.

Conforme citado no tópico anterior, alguns estagiários preparam suas aulas de forma desconectada, tendo como base apenas uma sequência de atividades. Já outros sentiram a necessidade de pensar o planejamento em um sentido macro para só então pensar nas aulas, separadamente. Essas duas formas de planejar são consideradas válidas, entretanto, ressalto que a segunda perspectiva (plano de ensino e depois plano de aula) foi discutida e encorajada durante a realização da disciplina.

Ainda que tenha existido um consenso sobre a importância de planejar as aulas, alguns dos estagiários muitas vezes pareciam deixar muitas atividades ao acaso e nos momentos de insegurança, optavam por improvisar saindo do roteiro, ao invés de tentar adaptar as atividades planejadas. Essa observação não é destinada a recriminar a criação de novas atividades durante o decorrer da aula, visto que se trata de um processo fluido e dinâmico; a intenção aqui é refletir sobre a necessidade de prever também as possibilidades de partes do planejamento não darem certo.

Por outro lado, também houve casos em que os licenciandos se prenderam mais ao roteiro do planejamento do que as possibilidades de adequação as necessidades da turma, o que também se tornou um importante ponto de reflexão durante as orientações. Assim, tendo em vista que o planejamento se trata, resumidamente, da previsão da ação docente, se faz necessário pensar em

um “plano b” caso algo não saia como esperado. Pensar diferentes propostas e prever diversas reações também faz parte da ação de planejar.

De modo geral, no início da disciplina de estágio, as práticas de planejamento dos estagiários mostraram ações contrárias entre eles, mas no decorrer das aulas, com as discussões e partilhas foi possível perceber uma certa afinação no discurso tanto sobre o planejamento de ensino, quanto sobre o planejamento de aula. Embora essa semelhança também tenha surgido nos relatórios, foi possível perceber que em algumas situações o discurso teórico se distanciou da prática, ou seja, os futuros professores de música foram enfáticos em defender a necessidade dos planejamentos e suas articulações, mas em suas ações diárias na escola as atividades se mantinham opostas ao discurso, ocorrendo muitas vezes de forma isolada e sem conexão entre elas.

Considero importante refletir sobre os benefícios de pensar no planejamento a longo prazo, ou seja, pensar na perspectiva do plano de ensino e seus desdobramentos a nos planos de cada aula, para que as aulas de música não sejam apenas atividades soltas e desconectadas, mas que tenham uma coerência e busquem, de fato, alcançar objetivos de aprendizagem consistentes e significativos para os alunos.

7. REFERÊNCIAS

- ALVES, Dáfnj; FILHO, Dalson Figueiredo; HENRIQUE, Anderson. O Poderoso NVivo: uma introdução a partir da análise de conteúdo. **Revista Política Hoje** - 2a Edição - Volume 24, 2015, p. 119-134.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 2006, Lisboa: Edições 70.
- BAUER, M. W e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- GIL, Antônio Carlos. **Metodologia do ensino superior**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. 13 Ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- MENEGOLLA, Maximiliano. SANT’ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar?** 10ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico**: como construir o projeto político-pedagógico da escola. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.
- PENNA, Maura. A função dos métodos e o papel do professor: em questão, “como” ensinar música. In.: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (orgs.). **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: InterSaberes, p. 13-24, 2012.
- ROMANELLI, Guilherme G. B. Planejamento de aulas de estágio. In.: MATEIRO, T.; SOUZA, J. (orgs.). **Práticas de Ensinar Música**. Porto Alegre: Sulina, p. 125-137, 2009.
- SANT’ANNA, Flávia Maria et al. **Planejamento de Ensino e Avaliação**. 11ª ed. Porto Alegre: Sagra, 1986.

Submissão: 18/03/2024

Aceito: 02/05/2024